

As vantagens do crescimento lento

«Que seria do nosso carnaval se não existissem as favelas»? Esta pergunta meio séria, meio jocosa fere, porém, uma problemática da nossa vida socio-cultural que reconhece subliminarmente que, para a manutenção do nosso folclore (de grande influência nordestina) não seria benéfica uma integração perfeita dos migrantes na estrutura urbana do Centro-Sul e a sua rápida aculturação.

De outro lado, a existência de tais favelas em metrópoles, e sempre considerada, por nós e pelos estrangeiros, uma «dívida social». É a eterna dicotomia entre «civilização» e «cultura» que não podemos resolver escolhendo simplesmente uma ou outra solução.

Acreditamos, porém, que as transições que vão, geralmente, mais em direção à civilização — pois é o desenvolvimento que a grande maioria aspira — seriam menos dolorosas e poderiam conservar mais bens tradicionais se fossem em ritmo mais lento. A isto, porém, se antepõe a explosão demográfica.

Existem duas utopias de lidar com este fenômeno que chamaremos de «delfineana» (desenvolvimento forçado) e, no outro extremo, a da «enxada» (tradicionalismo). A primeira se resume na tese de Delfim Netto de que seria preferível um crescimento populacional alto, combinado com um crescimento também alto do PIB (constantemente acima de 10% ao ano) em comparação com taxas mais modestas do crescimento populacional e do PIB. Isto, matematicamente, pode dar certo.

Mas um crescimento tão forçado do PIB (os países desenvolvidos já julgam muito bom um crescimento econômico anual de 3%) causaria, inevitavelmente, alienações de toda espécie e, notadamente, no setor cultural. O bom senso exige, portanto, um crescimento econômico médio de 5%, no máximo 6% ao ano, com um grau tolerável de alienação. Isto, é claro, exigiria uma taxa demográfica igualmente bastante menor. Senão, nunca poderíamos absorver futuramente os desempregados e subempregados.

A segunda utopia, que chamamos a de «enxada», mas que inclui a economia sub-standard e «inviável» é, igualmente, inviável como modelo dominante, porque contraria a vontade de crescer inerente à humanidade. É válida para atenuar um desenvolvimento forçado e alienante no sentido socio-cultural. Também oferece relativamente mais emprego, tanto no campo como nas cidades, ajudando assim para reduzir a fuga do campo e a miséria absoluta nas cidades.

Mas, além da sua já mencionada tendência antidesenvolvimentista, produz o menor aumento salarial real. Duvidamos, aliás, muito que justamente a juventude, que tanto costuma criticar os efeitos do desenvolvimentismo, gostaria de trabalhar duro no campo, como este modelo o exigiria(?).

A médio e longo prazo temos, pois, de prever que também aqui o trabalho tradicional no campo, que ocupa muita mão-de-obra, será substituído cada vez mais pelo trator. É, porém, evidente que tal transição provocará muito menos problemas socio-culturais quanto menor for o número daqueles que vão ser substituídos, isto é dos futuros «desarraigados», não só materialmente, mas também culturalmente.

Nesta previsão negativa, porém, nunca devemos esquecer que a sua última causa é que o trabalho tradicional no campo é, realmente, pesado e é aturado só enquanto não existirem máquinas que o possam aliviar.

É, finalmente, um exemplo muito à mão: o índio. Ele só pode conservar a sua vida genuína, enquanto mantiver a população da sua tribo constantemente baixa.

JORNAL DO BRASIL